

## Turismo e relações sociais de sexo

Bárbara Nascimento Duarte\*

### Resumo

A prática da prostituição é comum em diversas localidades, e ao analisar o turismo como um fenômeno social, torna-se importante lançar luz sobre esses dois fatos distintos, mas que se relacionam. Igualmente, ao longo do tempo, tem-se deixado de lado as relações quem envolvem a dicotomia dominador *versus* dominado que pode ser manifesta também através da sexualidade. Já que a prostituição é tida como algo que não deve ser pensado, nem praticado, como corruptora dos bons costumes da sociedade e dos relacionamentos conjugais, tem-se colocado de lado os estudos nos quais se analisa que a prostituição ao ser comparada com sua maior expressão e razão de existência, o dinheiro, encontra nele seu aviltamento. Portanto, através de uma análise de discursos que foram buscados em entrevistas com garotas de programa, buscar-se-á compreender como se dá o entrelaçamento da prostituição com os clientes/turistas e o dinheiro, e se pode ser tido como uma manifestação do turismo na cidade de Juiz de Fora.

**Palavras-chave:** Prostitutas; dinheiro; turismo.

### Abstract

The prostitution practice is common in different places, and when tourism is analyzed as a social phenomenon, it becomes important to bring light upon these two distinguished but related facts. Equally, thru the time, it has been put aside the roll between ruler versus ruled, that can be manifested also thru sexuality. As prostitution is seen as something that musn't be thought, neither practiced, corrupter of society and matrimonial's good customs , there are few studies analyzing that when prostitution is compared to its highest expression and reason - the money - it also finds its lowering. Therefore, thru discourse analysis that were searched among prostitutes, this paper is willing to understand how is the prostitution, tourists/guests and money's interlacement , and if it can be understood as tourism manifestation at Juiz de Fora city.

**Key-words:** Prostitutes; money; tourism.



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



*Cada vez que um homem compra uma mulher por dinheiro, vai-se um pouco do respeito devido à essência humana.*

*Simmel*

## Turismo e prostituição

A prática da prostituição em Juiz de Fora é comum em diversos locais, e também está envolvida com o turismo local, através do envolvimento de turistas hospedados em hotéis na cidade que contratam serviços de prostitutas enquanto de sua estada (Duarte, 2008). Como afirma Siqueira (2005), dentre os vários turistas de negócios que se hospedam nessa cidade, uma de suas principais formas de lazer consiste em fazer programas com prostitutas, sobretudo através de visitas a casas noturnas da cidade.

O estudo dessa relação, prostituição e turismo, torna-se importante quando analisa-se o turismo como um fenômeno social total, implicando-o como um daqueles fatos que são constituídos de vários outros envolvimento e significados sociais.

Todavia, a prática da prostituição no turismo não faz parte de um segmento da atividade como turismo de negócios, de lazer, entre outros. Há muitas maneiras de se fazer turismo, e algumas trazem mais questionamentos que satisfação para a sociedade. Tanto é, que no Brasil a relação entre prostituição e turismo chegou ao ponto de se criar uma terminologia no vocabulário turístico específico-"prostiturismo", "pornoturismo" ou "turismo sexual (Rodrigues, 1999).

Turismo indica movimento de pessoas que, a trabalho ou não, estão em contextos diferentes do de origem, seja este o lar, a cidade ou o país. Trata-se, geralmente, de visitação a lugares onde poderão ser desempenhadas as mais variadas formas de atividades práticas e/ou subjetivas.

E embora algumas definições de turismo destaquem a prática ou a estrutura do fenômeno, considero que até as dimensões

simbólicas, subjetivas e também fenomenológicas devem caracterizar a atividade turística, ainda que a mesma se apresente de forma complexa devido à enorme diversidade de objetivos programáticos, além dos aspectos subjetivos que perpassam todos os relacionamentos envolvidos em suas múltiplas facetas. Entretanto, seja por um dia, um fim de semana ou semanas, independente das motivações de uma viagem, é fato que os turistas se afastam temporariamente do meio social e cultural que vivem para conhecer um outro destino e interagir com ele.

Desse modo, para todos os efeitos, entendemos que não é possível estudar uma sociedade ou o que ela representa sem considerar sua cultura e a relação entre suas partes. A análise cultural é fundamental à compreensão do comportamento dos atores sociais, aparecendo dessa forma como algo lógico e coerente. Para compreender a maneira pela qual a sociedade vê a si mesma e ao mundo que a rodeia, é preciso considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos, pois as práticas sociais agem sobre cada um como uma força externa que atua no em cada ator social.

## A prostituição: "Espelho que amplia as relações sociais de sexo"

É corrente que a prostituição é uma das profissões mais antigas do mundo, contudo, trata-la como um fenômeno historicamente invariável provavelmente não ajudará a entender sua configuração na modernidade, que contextualiza suas práticas e não dilui suas principais características.

A representação social atua em cada ator social como uma forma de conhecimento prático, de senso comum, e que circula na sociedade. Esse conhecimento é constituído de conceitos e imagens sobre pessoas, papéis, fenômenos

\*Bárbara Nascimento Duarte  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
barbara.duarte@uff.edu.br  
Bacharel em Turismo pela Universidade  
Federal de Juiz de Fora, especializando-se  
em Metodologia da Pesquisa Científica  
e professora de Turismo, ambos na mesma  
instituição referida anteriormente.

do cotidiano. As pessoas constroem suas representações nos seus grupos sociais, através das conversas, das visões e também das crenças que compartilham. Nas palavras de Brumana a representação social é tida como o conjunto das "representações de uma sociedade concreta dando-nos o mapa daquilo que pode ser pensado e praticado, o mapa do qual as instituições seriam a sua atualização e constatação palpável"(1983, p.29).

Essas representações envolvem conjuntos de valores e padrões simbólicos que guiam as atitudes dos indivíduos. Porém, não se trata de uma mera reprodução mental da realidade de um sujeito, mas ela se torna parte do comportamento do indivíduo. Desse modo, imagens e conceitos são aceitos, naturalizados, considerados verdadeiros, embora sejam apenas representações. E não só de um sujeito, mas toda representação é partilhada por um grupo de indivíduos e é coletivamente reproduzida, como resultado da atividade simbólica de um grupo social. Os sujeitos desse estudo- turistas e prostitutas - fazem parte de um contexto cheio de representações sociais onde se processaram muitos preconceitos, estigmas, exclusão de pessoas, e que só podem ser avaliados quando submetidos à uma análise crítica e fundamentada através do confronto das representações com a realidade.

É possível a um antropólogo fazer análises em sujeitos distintos de diversas maneiras, e entre elas através de suas condutas e aparência, permitindo-lhes relacionar experiências anteriores com indivíduos parecidos com os que estão sendo avaliados por ele no momento. Assim, incorre-se no risco de aplicar estereótipos não comprovados, já que agimos com base em inferências, independente do número de informações que tenhamos em relação ao sujeito.

Na mesma direção, o estigma é usado pela sociedade para categorizar os indivíduos

e seus atributos que são considerados normais para os membros de cada categoria, mas exponho que os indivíduos não podem ser divididos e classificados em "normais" ou "estigmatizados", já que o termo não se trata de um conjunto de indivíduos concretos, mas sim de perspectivas que são geradas em diversas situações sociais (Goffman, 1963).

E é a partir desse ponto que devemos considerar as prostitutas como mulheres estigmatizadas, primeiro devido a sua condição de gênero, que por si só já pressupõe uma série de caracterizações pré-definidas socialmente. Segundo, são estigmatizadas devido à condição de mulheres que "vendem" sexo, que para a sociedade tradicional é considerado algo de valor e, logo, deve ser preservado, pois envolve uma relação de troca entre "coisas" com valores totalmente antagônicos: primeiro- o sexo- totalmente pessoal e o segundo - o dinheiro - seu extremo oposto. Não afirmo aqui que o sujeito estigmatizado seja diferente de qualquer outro ser humano, concordando com Goffman, mas que ao mesmo tempo que são iguais a todos outros sujeitos podem ser também definidos por eles próprios e por outras pessoas próximas como marginalizados.

Assim sendo, buscar compreender quais relações existentes entre os clientes das garotas de programa e a visões relativas a esses sujeitos estigmatizados pela sociedade - as prostitutas - nos permitirá, ainda que não absolutamente, ver como a aplicação de estereótipos não comprovados aciona outras formas de discriminação, ainda que estes não estejam relacionados à conduta sexual dessas mulheres, de forma a contaminar a pessoal total mesmo que seus outros papéis sociais não tenham nenhuma conexão com a prostituição, colocando-as então, em posição desvalorizada referentes a todos os aspectos de suas vidas.

O conceito de "poluição" (Douglas, 1966) é usado como analogia para expressar uma visão geral da ordem social. Em si só a impureza é uma idéia relativa e que atua quando vem contradizer nossas classificações, e alega que o corpo humano é matéria de simbolismo e deste modo "como o corpo tem uma estrutura complexa, as funções e as relações entre as diferentes partes podem servir de símbolo a outras estruturas complexas"(p.138). Nesse sentido, tudo que é relacionado à prostituição é tido como sujeira, confusão e desordem, de acordo com um sistema classificatório que a sociedade tem como ideal e que só podem se tornar participantes dele aqueles que se adequem aos critérios estabelecidos, porém, "as regras relativas à impureza esclarecem apenas um pequeno aspecto das condutas moralmente desaprovadas" (p.153).

Já o imaginário em relação à prostituição é complexo e vasto, e devido às informações visuais produzidas pelas experiências anteriores dos indivíduos e criadas como parte do ato de pensar, considera-se que a imagem que temos em relação a um objeto não é o próprio objeto, mas um aspecto externo do que nós conhecemos a seu respeito. (Laplantine; Trindade, 1997). O imaginário é então uma forma de representação simbólica do mundo, não sendo a única, atuando como uma interpretação da realidade, permitido ao homem conhecer o mundo que o circunda para nele pode se relacionar.

Atribuímos, conseqüentemente, qualidades físicas ou morais a sujeitos, que podem de fato as possuir ou não, mas que serão possivelmente aumentadas ou denegridas, mudadas e transformadas, de acordo com o tipo de relação que estabelecemos com ele. É fato que os sujeitos existem independentemente dos significados vinculados a eles e o real não é nada menos que a interpretação que os homens atribuem à realidade, existindo

a partir das idéias, dos signos e dos símbolos atribuídos à realidade percebida (Laplantine; Trindade, 1997).

Dessa forma, o turismo lida diretamente com as imagens e independente do propósito da viagem, os turistas vivenciam impactos gerados pela diferença de cenários, hábitos, alimentação e até idioma, entre outros que representam a mudança de ambiente. Tais sensações fazem parte das expectativas e motivações do turista, podendo ser criadas, em um primeiro momento, por meio de imagens e do lugar que foi escolhido para ser visitado. Pois, ao planejar uma viagem busca-se conquistar o máximo de satisfação no concretizar dessa atividade, e em todo o processo informações são procuradas e relacionadas com os desejos já existentes à medida que novos vão sendo idealizados.

As imagens podem trazer boas sensações, boas propostas e aparentar grandes oportunidades. A prostituição se enquadra no processo de criação do imaginário, constituído por mulheres ou homens fisicamente atrativos, dispostos a satisfazer os desejos íntimos de uma pessoa. Todas essas imagens operam no campo da simbologia e da imaginação, relacionando o real e a consciência de cada um. Não se trata simplesmente da imagem de um objeto por si mesmo, no entanto, da plenitude de significados adquiridos com o passar do tempo por cada pessoa de acordo com suas experiências visuais anteriores. A propósito disso,

*Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim, a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo (Laplantine, Trindade, 1997, p.10).*

## Prostituição: homens e dinheiro

Foucault<sup>1</sup> questiona a constituição da categoria sexualidade em seus códigos morais ao longo da história. Questionar a sexualidade é tentar compreendê-la a partir das relações de poder que a conformam em momentos diferentes pela qual a sociedade passa. O autor enfatiza a capacidade do poder do discurso para produzir e sustentar formas de dominação sendo o corpo um *locus* propício para sua manifestação. Uma das contribuições mais notáveis de Foucault é a questão poder/saber que para ele estão entrelaçados (1995), não agindo somente de modo coercitivo, mas produtivo, atuando através de práticas e técnicas que foram aperfeiçoadas e se desenvolvem sem cessar.

Historicamente, as relações de poder se associam à dominação masculina, porém, nas análises de Foucault a questão do gênero é negligenciada, como se elas não atuassem, ao oposto de Butler (2003) que buscou repensar teoricamente a "identidade definida" das mulheres, assegurando o conceito de gênero, sexo e desejo como culturalmente construídos.

Tanto para Butler quanto Louro (1997), o que o gênero busca é desconstruir a naturalidade determinista que diferencia os sexos unicamente pela variante biológica, considerando que essa categoria nos permite identificar áreas das práticas sociais e individuais que conhecemos mal. Seja no âmbito comum, seja revestida "por uma linguagem 'científica', a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender- e justificar- a desigualdade social" (Louro, 1997, p.20-21). É verdade que o universo feminino se distingue muito do masculino, mas não meramente por questões biológicas (como nos propôs o século XIX), mas de sobremaneira pelos sistemas de pensamento, crenças e podendo ser diferenciados de igual modo sexualmente.

Bourdieu (2002) trata especificamente da dominação do masculino sobre o feminino demonstrando que essa dominação é exercida por meio de violência simbólicas compartilhada inconscientemente entre dominador e dominado, determinados pelos esquemas práticos do *habitus*, que é um sistema de disposição durável que integra todas as experiências de um indivíduo e funciona como uma matriz de percepção, interiorizando as normas, usos e obrigações. Assim,

*A lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem. [...]* (Bourdieu, 2002, p. 49-50).

Para o autor, as trocas simbólicas estão corporificadas e fazem parte dessas trocas tanto homens quanto mulheres. O corpo é o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder e onde nosso capital cultural está inscrito, portanto, nele também se encontra a materialização da dominação. Como consequência de tais representações sociais, por muito tempo foi aceito na sociedade que a mulher é o ser menos capaz fisicamente, emocionalmente e intelectualmente, sendo relegada ao papel de reprodutora, concebendo-se as características masculinas como superiores. E por muito tempo, a eficácia da dominação esteve nos dominados se integrarem como parte da dominação sem ter tido consciência e reação à ela.

Essas relações de dominação se concretizam igualmente através do sexo ou da compra dele. A etnologia mostra que a compra das mulheres não se pratica exclusiva ou prioritariamente na cultura ocidental, embora sempre tenha ocorrido

<sup>1</sup>Considerado um dos filósofos de maior influência do pensamento moderno sobre sexualidade.

uma estreita conexão no seio da economia monetária entre o dote e as relações da vida, quer seja para garantir a sorte do homem quer da mulher (Simmel, 2001). A prostituta, diferente da esposa legítima, não conhece qualquer exigência com respeito ao homem/cliente, de modo que ele não precisa ser compensado do que quer que seja por estar com essa mulher, nem ela precisa ser garantida de promessas que não serão cumpridas por parte dele. Eis aqui a essência da prostituição e o papel do dinheiro nessas relações entre os sexos. O comércio não conjugal requer, em geral, a forma monetária. Essa transação pode oferecer a essas mulheres uma adequação muito melhor a elas, ainda que se possa oferecer outros bens e presentes qualificados. Ao desejo que surge de imediato "tão bem servido pela prostituição, só convém o equivalente monetário, que não estabelece compromisso algum, e permanece, em princípio, disponível e bem-vindo a todo instante"(Simmel, 2001, p.51).

A prostituição feminina é vista como prática imoral que deve ser reprimida na sociedade tradicional e patriarcal, mas em ainda em muitas sociedades, como alude o autor supracitado (2001), entregar-se a vários homens é uma conduta com elevado valor moral. Todavia, na economia capitalista, quando o dinheiro se torna a medida de outras coisas, acaba por equiparar ambos.

Mas então, o que leva e o que espera o homem da relação sexual com garotas de programa? O que existe entre o cliente e a prostituta que não existe da mesma forma e intensidade em relacionamentos tradicionais entre homens e mulheres que são tidos como ideais? Tratando-se dessa última, que busca por essência o amor romântico, a fidelidade e a duração - ainda que esses valores não sejam mantidos e se desfaçam facilmente - o dinheiro, a mais eficaz expressão de impessoalidade, nunca poderá ser um intermediário adequado. Mas, quando

falamos do prazer subornável, que recusa toda e qualquer relação que esteja além do instante e do instinto sexual, o dinheiro, uma vez pago e por romper com qualquer outro tipo de relação, é a prestação mais primorosa tanto do ponto de vista real quanto do simbólico: "pagar em dinheiro é terminar radicalmente com tudo, assim como com a prostituta depois da satisfação" (Simmel, 2001).

O dinheiro se coloca como um facilitador entre quem deseja e o que é desejado, e aqui é onde o rebaixamento da prostituição encontra sua equivalência, pois permite que a mulher conceda o que possui de mais íntimo, pessoal e que não se deve oferecer a não ser por um desejo natural e individual contrabalanceando com a reciprocidade masculina. Digo que, o aviltamento da prostituição está em a mulher degradar o que possui de mais particular em troca de um equivalente neutro, impessoal e anônimo que é o dinheiro, comprometendo, portanto, toda sua interioridade, além da notória superioridade e vantagem constante de quem paga a mercadoria sob aquele que a vende.

A opinião geral a respeito das mulheres é que elas vivem muito mais sob a possibilidade do "tudo ou nada" devido à integração existente entre suas inclinações e atividades, permitindo-as sublevar-se muito mais facilmente do que os homens a partir de um só ponto, como exemplo as emoções. Surge aqui a disparidade entre os papéis de homem e mulher, sendo acreditado pela sociedade que a última coloque na troca do seu self todos os seus valores, enquanto o primeiro somente parte de sua personalidade. Em razão dessa esperada "doação de seu ser total" como mulher, bem assim está a dificuldade em tentar dialogar com garotas de programa sobre a atividade que exercem, já que preferem não compartilhar seu papel de prostituta com terceiros, evitando desse modo não serem



vistas com o estigma de prostitutas em sua totalidade mas somente enquanto profissionais.

É possível que o preconceito em relação à atividade das prostitutas seja menor quanto mais evidenciado ficar a condição miserável e lamentável que elas vivem, outrossim, se atenuará se a prostituta aumentar significativamente o valor pedido à clientela ou passar a ser notoriamente mantida por um milionário. Considera-se que o preço da venda, quanto mais exorbitante, mais poupará o objeto que está sendo negociado da desonra.

Na prostituição o envolvimento entre os sexos se reduz, inconfundivelmente, ao ato sexual, e o rebaixa a algo comum, ou seja, à limitação de necessidades sexuais, onde as personalidades opostas são anuladas e são abolidas todas as diferenças individuais. Ainda hoje, as mulheres que se prostituem são encaradas como profissionais vítimas da influência dominador versus dominado, onde o cliente adquire um poder coercitivo sobre a prostituta, decidindo, na maioria das vezes, o rumo da relação sexual.

Ao se pesquisar a opinião dos clientes sobre a percepção do sexo com prostituta em seus discursos percebe-se que é no imaginário dos homens a prostituta se propõem a fazer "números especiais" que outras mulheres não fariam dentro de um relacionamento por considerarem "algo de puta". Concebe-se que com a prostituta o homem está livre do "fardo" de ter que agradar a companheira da relação, pois não consideram a identidade delas como mulheres que estão em busca de envolvimento mais sérios. Além delas "descomplicarem" o sexo, os clientes limitam-se a sentir prazer, servir-se e reduzir o sexo ao momento que é praticado. "Os homens procuram a aura de puta". Para eles, é secundário que elas sejam belas ou boas, mas "é fundamental que sejam putas", isso mostra o potencial que o termo "prostituta" possui.

Além do que, para os homens com as prostitutas não há passado nem haverá futuro, pois os clientes não querem ficar presos a relações com elas. Havendo também uma analogia entre as mulheres para casar e mulheres para se divertir: a mulher para casar tem as características da "mulher-flor", a mulher para transar tem as características da "mulher-fruto".

### **Prostituição: homens e turismo**

As exigências específicas em relação às mulheres são constantemente modificadas pela sociedade, mas em geral, em algumas sociedades a prostituta se liga a uma forma indesejada de mulher, talvez por ir de encontro a papéis pré-definidos a elas, ir contra rígidos padrões de comportamento e negação do prazer. Ao se ligar ao mercado do sexo, ocorre uma certa "invisibilização" do feminino (Russo, 2007), e a mulher com seus sonhos e necessidades passa a ser vista com o estereótipo de prostituta, tendo toda sua situação real desconsiderada.

De forma oposta, considera-se que os homens estão prontos para o sexo a qualquer momento e constantemente o procuram, logo que para um adequado funcionamento sexual não é necessário o desejo por envolvimento emocional mais sério e duradouro, assim como a atitude de arriscar-se é considerada uma peça central da sexualidade masculina. Sexo pode significar aventura, excitação e perigo, do mesmo modo, a responsabilidade é uma palavra que raramente aparece no discurso sexual masculino.

Justifica-se, e destarte aceita-se, que a sexualidade para o homem é vista como uma questão de necessidade, que o homem bom de cama é aquele que tem energia, é quente, forte, durão e que dá conta do seu "trabalho". A mulher boa de cama é aquela que faz o que o homem quer: uma santa na rua e puta na cama. Dada a hipocrisia moral,

a prostituição feminina pode ser considerada por muitos como um "mal necessário", pois ao mesmo tempo em que satisfaz os desejos masculinos pré-nupciais, mantém a sexualidade das "moças de família" protegida, mas também rebaixa o comércio sexual a uma falsa moralidade através de um cinico ideal de pureza.

Como resultado de pesquisa realizada com prostitutas de Juiz de Fora e clientes/turistas exporei alguns relatos desses últimos que procuram prostitutas em Juiz de Fora desejando "aplar os momentos de solidão de um viajante" (Gaspar,1985), citando nomes de alguns hotéis ou a ida a um estabelecimento hoteleiro para a prática do programa. Os discursos dos turistas de negócios que busquei reunir e focar explicitam que sua viagem à cidade de Juiz de Fora se deu em função do trabalho. E sendo justamente após o trabalho ou ainda após uma viagem longa e cansativa é que o turista de negócios busca nos programas com mulheres uma forma de lazer, pois a atividade profissional é tida como desprovida de aventuras, prazer e liberdade (Siqueira, 2007) e para conquistá-las não é necessário qualquer esforço também pela experiência da abnegação associada ao pagamento.

*Pessoal, (TD atrasado)<sup>2</sup> venho relatar uma experiência que tive em Juiz de Fora-MG, fui a trabalho, a empresa que trabalho é em SP fui prestar serviço lá e já tinha uma galera daqui lá daí eles me levaram para o ritual do iniciante em JF conhecer o Sayonara, ou melhor a Patrícia.(...) Fomos para o hotel onde eu estava hospedado e mandamos ver(...)*

*Achei a G.P. um pouco fresca , ai fiquei mais desanimado, para encerrar a narração ai vai: Local discreto, sem porteiro. Custo beneficio R\$70,00 por uma hora inegociável.*

*Liguei para a GP e marquei um encontro no centro da cidade (...).Fomos ao hotel César Park e o bicho pegou, a gp se soltou rapidinha.*

*Combinamos a R\$150, domingo à tarde, no hotel em que eu estava (Constantino), pertinho, pertinho da casa dela.*

A relação entre turistas e prostitutas se torna explicita nesses relatos, aferindo que os turistas que contratam prostitutas por telefone, *website* ou boate, geralmente as levam para o local onde estão hospedados, ao invés de irem a motéis. E igualmente, parece completamente flexível à ida das prostitutas a hotéis para trabalhar. Além de percebermos que a contratação de garotas de programa não se dá esporadicamente, mas sempre de suas vindas à cidade, como forma de compensação pelo trabalho.

Além do que, justamente pelos clientes das garotas de programa ser turistas à viagem de negócios, as garotas de programa afirmam que o maior movimento, ao contrário do que se imagina, é durante a semana. Os clientes que as procuram aos sábados e domingos se distinguem no perfil, são geralmente jovens que vem a cidade a passeio e que não conseguem nenhuma aventura sexual nos lugares freqüentados. Elas, para se adequarem ao calendário turístico de Juiz de Fora e manter um número razoável de clientes garantindo o faturamento com os programas, viajam nos meses considerados de baixa temporada (novembro, dezembro e janeiro) para o Rio de Janeiro, atendendo os turistas estrangeiros, principalmente, todavia em condições adversas, pois lá necessitam ir às boates à busca da clientela. Acabam assim se posicionando nas mesmas situações de risco com os clientes das quais tentam se evadir quando estão em Juiz de Fora.

Na prostituição, há uma permuta de "coisas" de naturezas distintas, o corpo e o dinheiro. Dessa maneira, o dinheiro anula a personalidade do outro e impõe a idéia de compra, e nessa negociação não é raro que o cliente pense que tem direito a "tudo", o

<sup>2</sup>TD significa "Test-Drive" e GP "Garota de Programa".



que pode incluir dispor da mulher de todas as maneiras, infligindo-lhes, nesses casos, maus-tratos físicos e psicológicos. Entre outros abusos considerados pelas garotas como violência, de acordo com Gaspar (1985) é a recusa do cliente em cumprir o contrato informal previamente negociado; ser roubada pelo cliente que a pagou antecipadamente, ser fisicamente, verbalmente, moralmente agredidas. No entanto, uma das maiores ofensas é quebrar o acordo financeiro entre prostituta e cliente que significa à elas a total desvalorização de sua personalidade, pois se traduz em nem mesmo serem reconhecidas como profissional, tornando o dinheiro superior em valor.

Por conseguinte, no intuito de se salvaguardarem, as prostitutas elaboram estratégias várias no sentido de minimizar esses infortúnios, que podem ser muito comuns quando a garota de programa se encontra em desvantagem fisicamente e espacialmente, como acontece dentro de motéis.

O arrolamento existente entre as prostitutas, hotéis e clientes não é benéfico somente aos clientes e funcionários que recebem um pagamento pela indicação das garotas (Duarte, 2008). Para essas, os hotéis significam sua sobrevivência, e até mesmo a possibilidade de não ter que se prostituir em Casas Noturnas ou nas ruas, onde as condições são mínimas e as mulheres estão expostas a abusos sexuais, violência física, entre outros. Além do que, não são controladas por donos de boates que as envolve em um ciclo de abuso e exploração.

Mas ajusto a afirmação anterior ao fato de existir de uma "vida útil" na prostituição, independentemente da legitimidade do desejo de abandonar a atividade prostituinte algum dia, que limita as possibilidades entre as mulheres e que se refere à idade e características físicas. A trajetória das prostitutas de luxo começa geralmente em hotéis, em Casas Noturnas Famosas como *streakers*, e os programas nunca saem por menos de

cento e cinquenta reais, valor esse que pode variar dependendo da cidade onde estiverem, mas que não deixa de ser considerado relativamente alto quando se compara às prostitutas de rua e casas de massagem.

Contudo, por causa do desgaste com os clientes e da depreciação estética, muitas garotas passam a oferecer seus "serviços" em qualquer lugar como dentro de carros, motéis baratos, quartos de hotéis que mais parecem um pardieiro e chegam a cobrar no máximo cinquenta reais. E além, há aquelas que descem ainda mais baixo devido a falta de clientes, freqüentam aquelas ruas afamadas como zona de baixo meretrício, onde a face mais perversa da prostituição se revela, chegando a fazer até quarenta programas por dia, podendo cobrar cinco reais por relação sexual já que "a perda do local privilegiado para trabalhar detona um processo quase irreversível de auto-violação dessas meninas" (Edward, 2000).

Parte da opinião dos clientes sobre as prostitutas se refere à satisfação obtida após o programa, conjuntamente com a análise da aparência física, do preço cobrado e se dá satisfação de todos os desejos sexuais ou não. Contudo, um dos modos de se classificar as garotas de programa de acordo com o olhar dos turistas/clientes, é a semelhança entre todas, em outras palavras "são todas iguais" (Gaspar, 1985), podendo ter atitudes escandalosas, serem promiscuas e muitas vezes fazer uso da violência. Para Gaspar (1985) a promiscuidade está relacionada com número de parceiros que as prostitutas chegam a ter,

*Marcando a diferença entre as prostitutas que tem relações sexuais com até quarenta homens por dia, e aquelas que não atingem sequer esse numero durante toda a vida, em geral pertencendo a segmentos da alta prostituição (p. 103)*

O atributo "todas iguais", implica a vulgaridade e a totalização delas sob o

estereótipo de prostituta, devido a que, para os clientes a identidade da garota de programa está em ser prostituta enquanto categorizadas pelos estigmas, ao mesmo tempo em que a garota tenta evidenciar que esse papel não tem maiores influências graças a separação de todos os papéis que continuem sua identidade total.

A possibilidade de se entregar sexualmente com facilidade a qualquer homem não está em jogo ao se escolher uma prostituta, já que essa é uma característica da atividade delas. No entanto, avalia-se que quanto maior a promiscuidade no sexo com os clientes, mais valioso o programa se torna e melhor é a impressão em relação ao desempenho sexual delas.

Contudo há uma gama de elementos que fazem parte da formação do preço, entre eles, quanto mais promiscuidade o cliente desejar, mais caro o programa pode se tornar. Digo por exemplo, se o cliente deseja ter sexo sem camisinha, trazendo riscos não só para a saúde da prostituta, mas à dele também, mais custos ele terá, isso se a prostituta concordar, o que dependerá da necessidade financeira vivenciada por ela. Ou caso o acordo feito entre cliente e prostituta pertinente ao uso do preservativo tente ser violado no momento do programa, até mesmo através de subterfúgios dos clientes, as prostitutas recorrem de estratégias para garantir sua segurança. Em casas noturnas, pode ser cobrada até multa que variará de valor dependendo do estrago causado pelo cliente na camisinha.

Pontuo aqui, que a busca por prostituta é uma caça por um tipo específico de mulher, um tipo de relação peculiar, ligeira e em um contexto particular proporcionando determinadas sensações devido às inúmeras possibilidades oferecidas. Na prostituição não ocorre a busca simples pelo sexo, mas pelo sexo pago, e as mulheres estão côncias disso, já que o ato sexual pode ser vivenciado em

diversos tipos de relacionamentos que não colocam a troca financeira como premissa. Os clientes vêem na prostituta a possibilidade de vivenciar sua sexualidade plenamente, relacionando-a em seu imaginário como o fantasioso, o diferente, excitante e promíscuo.

Analisando por outro viés, de certa forma, a mediação do dinheiro diminui a idéia da masculinidade do cliente, embora haja casos que ela possa ser reafirmada pela quantidade de dinheiro que o cliente possui (vale lembrar que o dinheiro é um instrumento valioso de atração), ou pela capacidade de gerar prazer na prostituta, embora na maioria das vezes ele seja forjado como arma de sedução dessas mulheres desejando provar ao cliente que a troca foi bem sucedida. O preço que é pago não representa somente um valor monetário, mas a importância que cada um dos sujeitos possui nessa troca.

## Considerações Finais

Mesmo a prostituição sendo considerada como uma das profissões mais antigas do mundo, como anteriormente mencionado, isso não nos impede buscar compreender as relações existentes entre tudo que envolve essa prática. Assim, a análise empreendida aqui foi focada numa atividade denominada "fazer programa" e sua relação com turistas que se hospedam nos hotéis de Juiz de Fora, e que buscam em seus momentos de lazer a prostituição como forma de envolvimento em algo prazeroso, diferenciando os momentos de trabalho dos de descanso.

Estabeleci como premissa inicial que existem relações entre o imaginário masculino e a prostituição, que não são dadas diretamente na percepção, fazendo parte da representação de uma realidade exterior percebida e não havendo imposições de sentidos na representação do social (Laplantine; Trindade, 1997).

Incluso nesse imaginário masculino, a prostituta é tida como aquela mulher que permite tudo no sexo, diferente do que sempre foi proposto pela sociedade às mulheres "de família", são capazes de realizar os desejos sexuais dos homens que não encontram mais em suas mulheres o que buscam nas prostitutas que majoritariamente se resume a satisfação sexual através de uma troca, que acaba por desvalorizar o outro, além de não terem que pretender relacionamentos mais sérios com elas, pois para eles, que falam das mulheres no plural, o que os interessa é o que há de semelhante em todas.

Debates sobre gênero e sexo são relevantes, pois trazem à luz a origem dos conceitos que permeiam a mentalidade de algumas sociedades, mostra o desenvolvimento da "superioridade" masculina em detrimento da feminina como forma de dominação em uma sociedade patriarcal e nuclear.

O dinheiro é o meio e o fim da prostituição, mas assim como em todas as outras profissões. Contudo, o que é trocado é o que é "mal visto" pela sociedade, pois são valores pessoais e que não devem ser vendidos, pois vendê-lo significa rebaixá-lo e equipará-lo algo inominado. Por isso, constata-se que a fugacidade do prazer sexual gerado pela prostituta só possui um equivalente, o valor monetário, e a pessoalidade e individualidade da prática do sexo pela mulher não concorda muito com a doação do prazer na prostituição. Vale ressaltar que no ato sexual, o homem compromete somente parte do seu eu, enquanto a mulher se compromete por completo- isso no geral- sendo esse também um dos motivos pelo qual é difícil aceitar a prostituição e adultério feminino ao masculino.

E o dinheiro ao ser trocado pelo sexo, traz à luz a superioridade de quem paga sob quem recebe, estando o segundo obrigado a aceitar as regras impostas pelo primeiro,

além de confrontos e humilhações, pois um cliente estar com uma prostituta não significa que não a enquadre no estigma de mulher da vida, fácil e desvalorizada como indivíduo que o é. Assim, a prostituta se coloca em situação desigual, incorrendo riscos de depreciação física e moral, mesmo que precauções sejam tomadas evitando qualquer dano. Sem considerar que, mesmo essas mulheres se precavendo de várias formas para garantir a segurança com o cliente e também obter altos rendimentos, a possibilidade delas virem a se prostituir por preços muito baixos em locais desprovidos de infra-estrutura suficiente é muito grande.

O dinheiro, como meio de troca, também reforça a masculinidade dos homens ao ser um atrativo às prostitutas e ressalta o potencial "conquistador" deles ao conseguirem preços mais baixos, passam a se sentir bonitos, jovens, fortes e sedutores. Mas de outro lado, o cliente ser pobre e feio é mal visto por essas mulheres, que os despreza, embora tenham que fingir terem sido subjugadas por sua performance sexual e fixam preços de acordo com o que acham que ele pode ou não pagar. Além de pagar para ter sexo com prostitutas pode ser compreendido como incapacidade do homem de seduzir com seus próprios talentos, sendo necessário introduzir um instrumento específico, o dinheiro.

Por turismo ser entendido como movimento de pessoas que, a trabalho ou não, estão em contextos diferentes e por se relacionar com atividades subjetivas desenvolvidas anteriormente e durante a viagem, a prática da prostituição pode ser adequadamente entendida. Afirmo que, no contexto onde essas relações se dão, é cabível se pensar o turismo como fenômeno social total ao envolver outros fatos sociais além do simples uso de determinados serviços turísticos, sendo capaz de se relacionar com vários outros pontos da sociedade e dos

sujeitos desde antes do início da atividade turística, já que o turismo trata também com o imaginário que é criado antes mesmo de se partir em direção a uma nova localidade.

Conclui-se que, quando relacionadas - não unicamente - ao turismo, a prostituição é uma ameaça capaz de contaminar a ordem do que é tido como o turismo tradicional por ir de encontro ao que é pensado como adequado ou não na sociedade atual, ainda que esses valores estejam passando rapidamente por mudanças, mas que deve ser tido como uma das manifestações do turismo em qualquer localidade.

### Referência Bibliográfica

- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRUMANA, F. **Antropologia dos sentidos: introdução às idéias de Marcel Mauss**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu**. Lisboa, Edições 70: 1970 (col. Perspectivas do Homem, n.39)
- DUARTE, B.N. **A prostituta e o hóspede: A representação social da prostituição na hotelaria de Juiz de Fora-MG**. Anais do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul-RS: EDUCS, 2008.
- EDWARD, J. **O salário delas: Pesquisa traça um retrato da prostituição e revela quanto ganham as garotas de programa (12/4/2000)**. [www.veja.com.br](http://www.veja.com.br). Acesso: 27/06/2008
- FIGARI, C. E.; BENITEZ, M. E. **Desejos Proibidos: práticas da Prostituição feminina**. Anais do Congresso Anual em Ciências da Comunicação. VII RAM - UFRGS, Porto Alegre: 2007
- FLAUSINO, M. C. **Mídia, Sexualidade e Identidade de Gênero**. Trabalho Apresentado ao Np13 - Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das minorias. XXV Congresso Anual em Ciências da Comunicação, set. 2002. Salvador, BA
- FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- GASPAR, M. D. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 135 p.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978. 158 p.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. ; **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1982. p.69-91.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.108-123.
- RUSSO, G. **No labirinto da prostituição**. Caderno CRH, Salvador, v. 20. n°51, p.497-514. Set./Dez., 2007.
- SIMMEL, G. **Filosofia do Amor**. 2a ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001
- SIQUEIRA, E.D. **Corpo, rito e imaginário nos postais das praias cariocas**. Artigo apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.
- SWAIN, T N. **Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica**. Unimontes Científica: Montes Claros, v.6, n.2, julho/dez 2004.
- VERSANI DOS ANJOS JÚNIOR, C.S. **A serpente domada: um estudo sobre a prostituta do baixo meretrício**. Dissertação de mestrado. Brasília, UnB, Mimeo, 1980
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **O nativo relativo**. Mana, Abr. 2002, vol.8, n°1, p.113-148. Fontes Online

FILHO, M. A. **Asas do Desejo: pesquisadora percorre pontos de prostituição de Fortaleza para desnudar universo do turismo sexual.** **TURISTAS** . [www.gpguia.net](http://www.gpguia.net)  
Jornal da Unicamp, São Paulo, 11-17 out. 2004.p.12. [www.unicamp.br](http://www.unicamp.br) . Acesso em: 08/03/2008.

**Cronologia do processo editorial:**

Recebimento do artigo:	11-jul-2008
Envio ao parecerista:	04-ago-2008
Recebimento do parecer:	19-ago-2008
Envio para revisão do autor:	19-ago-2008
Recebimento do artigo revisado:	06-set-2008
Aceite:	06-set-2008